

A vida não é útil: o legado de Ailton Krenak

GUSTAVO HENRIQUE CEPOLINI FERREIRA*



Ailton Krenak apresenta na obra “A vida não é útil” uma exímia lição que extravasa muros, cercas e fronteiras. Trata-se de um legado plural de Ailton Krenak nascido em 1953 na região do Vale do Rio Doce¹ em Minas Gerais, no território do Povo Krenak². Ailton é um ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, organizou a Aliança dos Povos da Floresta, que reúne comunidades camponesas, extrativistas, ribeirinhas e indígenas da Amazônia, bem como

contribuiu com a organização e coordenação da União das Nações Indígenas (UNI). É comendador da Ordem de Mérito Cultural da Presidência da República, doutor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora – Minas Gerais, entre outras atuações na defesa intransigente dos povos indígenas e da humanidade, por conseguinte, suas reflexões representam uma parábola sobre os tempos atuais, uma leitura necessária advinda de um dos maiores pensadores indígenas³.

O livro – *A vida não é útil*, é o terceiro de uma trilogia lançada em 2019 e 2020; o primeiro intitula-se: “Ideias para adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2019)⁴, o segundo – “O amanhã não está à venda” lançando como *e-book* em abril de 2020 e republicado como um dos capítulos⁵ no terceiro livro, denominado – *A vida não é útil* (KRENAK, 2020)⁶.

Nos capítulos que compõem a obra, há uma divisão a partir de indagações centrais para re-pensar nossas vidas e o fazer científico, quais sejam: 1 – *Não se come dinheiro*; 2 – *Sonhos para adiar o fim do mundo*; 3 – *A máquina de fazer coisas*; 4 – *O amanhã não está à venda* e 5 – *A vida não é útil*, na sequência

constam os agradecimentos, referências e informações sobre o livro e o autor.

No decorrer do primeiro capítulo, o autor discorre sobre a ideia de humanidade e sua utilização histórica, bem como estabelece um fecundo debate sobre a vida. Nesse devir, indaga sobre a sub-humanidade da qual muitos fazem parte. O caminho do progresso ou da economia é questionado no bojo da Pandemia da COVID-19 por conta da destruição ambiental em curso. Assim, provoca: “Nós poderíamos colocar todos os dirigentes do Banco Central em um cofre gigante e deixá-los vivendo lá, com a economia deles. Ninguém come dinheiro” (KRENAK, 2020, p. 12). Essa acepção básica da vida é fundamental perante a destruição do nosso tempo, denominada por Antropoceno, caos social, desgoverno geral etc. (KRENAK, 2019).

Por isso, reflete: “Quem sabe a própria ideia de humanidade, essa totalidade que nós aprendemos a chamar assim, venha a dissolver com esses eventos que estamos experimentando” (KRENAK, 2020, p.13). Trata-se de uma possibilidade talvez longínqua na ótica do mercado e da história dos bilionários que estão construindo uma plataforma fora da Terra. Assertivamente, Ailton profere: “Vão logo, esqueçam a gente aqui! Deveríamos dar um passe livre pare eles, para os donos da Tesla, da Amazon. Podem deixar o endereço que depois a gente manda suprimentos” (KRENAK, 2020, p. 15).

São leituras que provocam o poder do capital, dos Estados e corporações. Por isso, demarca que houve um tempo em que existiam governos e revoluções e hoje a cultura da revolução não tem sentido. Nesse contexto, reafirma que:

Nem na América Latina, nem na África, nem em continente nenhum. Isso porque os governos deixaram de existir, somos governados por grandes corporações. Quem vai fazer a revolução contra corporações? Seria como lutar contra fantasmas. O poder, hoje, é uma abstração concentrada em marcas aglutinadas em corporações e representa alguns humanoides (KRENAK, 2020, p. 15-16).

Do ponto de vista geográfico, Milton Santos (1997) já afirmava que os Estados deixaram de fazer política e as empresas assumiram tal papel. Amortecem o ímpeto cidadão, o Estado se retira do social e as empresas passam a governar – monopolizar os territórios⁷.

A história diuturna de que “o agro é tech, o agro é pop, o agro é tudo”, revela parte da crise, ou seja, o agro é tóxico, é fogo, é fome, é desigualdade, é calamidade etc. Por isso, Ailton evidencia os crimes da Vale em Minas Gerais e o seu nervosismo igual a bolsa de valores, indagando ainda sobre: “[...] quantas Terras essa gente precisa consumir até entender que está no caminho errado” (KRENAK, 2020, p. 26). Tais análises carregam outras marcas e epistemologias. Assim, o autor não perde a ternura da poesia mencionando Gilberto Gil, Drummond e Milton Nascimento e algumas possibilidades de resistência e quiçá da utopia sob a égide do mundo urbano - rural, lembrando o papel da “vida”, ou seja, como transcendência para além do dicionário.

Na sequência, no capítulo 2 - Sonhos para adiar o fim do mundo, nota-se a importância e o desafio de contar os sonhos, ou seja, trata-se de uma leitura a partir de diferentes linguagens dos ancestrais. Como exemplo ressalta:

Os sonhos de alguém que está preocupado com cataclismas, com a tragédia ambiental do planeta, podem ser mais parecidos com os de um pajé Xavante, como aquele que me chamou, quarenta anos atrás, na Serra do Roncador⁸. [...] esse ancião chamou seus sobrinhos de adoção – eu entre eles – e nos disse: “Eu tive um sonho em que o espírito da caça estava muito bravo e dizia que eu era um irresponsável, que eu não estava cuidando bem dos espíritos dos bichos, que os *waradzu* (os brancos) estavam predando tudo e logo acabaria a caça e as pessoas não teriam mais o que comer (KRENAK, 2020, p. 34-35).

Nessa passagem, revela-se os impactos que iriam desolar a terra na perspectiva dos povos indígenas. Sendo assim, Ailton indica os impactos que viveu em Rondônia⁹ e Acre com a invasão das terras indígenas, desmatamento entre outros impactos. Ainda sobre a “ciência do pajé” alertando aquela geração, salienta que o agronegócio invadiu o Cerrado, “o Xingu virou uma pizza. Uma pizza não, uma empadinha cercada de soja por todos os lados, com tratores cortando tudo. Desde aquela época, experiencio o sentido do sonho como instituição que prepara as pessoas para se relacionarem com o cotidiano” (KRENAK, 2020, p. 37).

Assim, apresenta o potencial do sonho no cotidiano, como lugar de afeto no sentindo mais vasto para muitos indígenas¹⁰. Nesse devir, discorre sobre a história antiga do povo Krenak e a desconfiança do destino humano: “[...] por isso a gente se filia ao rio, à pedra, às plantas e a outros seres que temos afinidade” (KRENAK, 2020, p. 42). Indica, portanto, a qual tipo de humanidade estão filiados e

construindo. “Destruir a floresta, o rio, destruir as paisagens, assim como ignorar a morte das pessoas, mostra isso, que não há parâmetros de qualidade nenhum na humanidade, que isso não passa de uma construção histórica não confirmada pela realidade (KRENAK, 2020, p. 42-43).

A contribuição de Ailton segue quando enfatiza o que os humanos estão causando à biosfera, ou seja, uma tragédia global. Por isso, ressalta categoricamente que: “nós podemos habitar este planeta, mas terá que ser de outro jeito. Senão, seria como se alguém quisesse ir ao pico do Himalaia, mas pretendesse levar junto sua casa, a geladeira, o cachorro, o papagaio, a bicicleta” (KRENAK, 2020, p. 44).

A mudança proferida pelo autor é uma possibilidade para “suspender o céu e ampliar os horizontes de todos, não só dos humanos” (KRENAK, 2020, p. 46). Nesse caso, indica a herança cultural do tempo dos ancestrais plenamente harmonizado com o ritmo – o tempo da natureza. A provocação sobre adiar o fim do mundo “[...] é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim” (KRENAK, 2019, p. 27). É um legado singular que revela a esperança para recriação dos mundos? Eis algumas perguntas presentes no pensamento do Ailton Krenak.

No Capítulo 3, A máquina de fazer coisas, o autor segue com as provocações, entre elas: Quem é a praga que come o mundo? Como recriamos mundos? Assim, as respostas e os caminhos são enfatizados a partir das narrativas indígenas sobre a própria origem da vida em vários lugares. Com isso, reafirma: “Cada um de nós – não a economia, não o sistema todo – pode

atuar positivamente nesse caos e trabalhar, digamos assim, por uma auto-harmonização” (KRENAK, 2020, p. 53). Refere-se, portanto, a luta contra o desmatamento, ou seja, a derrubada das florestas e projeção nacional e internacional. Nesse contexto, segue provocando sobre os impactos no planeta e sua analogia com o distanciamento social o bojo da Pandemia, isto é, aceitamos um chamamento para ficarmos em casa, com exceção de alguns excêntricos, e por que não paramos de predação o planeta? “De parar de destruir os rios e as florestas? (KRENAK, 2020, p. 55). Podemos ter doenças de máquinas, uma humanidade em pedaços. A díade consumismo e a devastação ambiental caminham juntas; é uma contradição que o autor destaca ao construir brinquedos e tecnologias que consomem a Terra. Destaca ainda a dependência do combustível fóssil e a cooptação do capitalismo, ou seja, “estamos todos nós, viciados no novo: um carro novo, uma máquina nova, uma roupa nova, alguma coisa nova. Já disseram: “Ah, mas a gente pode fazer automóvel elétrico sem gasolina, não poluente”. Mas será tão caro, tão sofisticado, que se tornará um novo objeto de desejo” (KRENAK, 2020, p. 61).

São renúncias e análises amplas para a humanidade compreender o papel da ciência, da medicina e da tecnologia para lidar com a finitude do Planeta, bem como do ciclo da vida e da morte.

Ailton menciona brevemente a trajetória de Chico Mendes e Gandhi, evidenciando a leitura de que a Terra não consegue suportar a feroz ação do capitalismo, sobremaneira, o padrão de consumo dos ricos. Nesse devir, o autor frisa algumas alternativas para repensarmos e construirmos a vida – o

mundo. Entre elas, destaca-se o interesse na caminhada para recriação de um outro mundo, ou seja, como um evento a ser construído o tempo inteiro. Para concluir o capítulo ressalta: “muitos povos, de diferentes matrizes culturais têm a compreensão de que nós e a Terra somos uma mesma entidade, respiramos e sonhamos com ela” (KRENAK, 2020, p. 72). Evidencia-se, portanto, a indissociabilidade entre a humanidade e Terra, pois a condição de máquinas imputa a destruição, uma guerra contra toda a vida na Terra.

Na sequência o capítulo 4 - O amanhã não está à venda, o autor indaga sobre o sentido da volta à “normalidade” depois da Pandemia. Trata-se de uma fecunda reflexão sobre o isolamento em diálogo com aqueles que já vivem “encurralados e refugiados no nosso próprio território há muito tempo [...]” (KRENAK, 2020, p. 77), isto é, remete aos próprios indígenas e a injustiça vigente no país na demarcação das terras indígenas. Todavia, Ailton destaca ressalvas acerca das pessoas isoladas em um apartamento nas metrópoles e sua própria condição, qual seja: “Desculpem dizer isso, mas hoje já plantei milho, já plantei uma árvore...” (KRENAK, 2020, p. 78).

Indica caminhos importantes para que a humanidade siga refletindo e construindo novas trajetórias. “Se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados da ruptura ou da extinção do sentido da nossa vida, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda” (KRENAK, 2020, 79).

Nesse contexto, Ailton tece considerações que explicitam a exclusão, pois não se sente parte dessa humanidade perversa e destrutiva.

Menciona inclusive episódios advindos do atual presidente em exercício da necropolítica¹¹ – uma decisão de morte que, por vezes, quer dominar o mundo; em consonância com aqueles que reafirmam que a economia não pode parar. Destarte, indica: “A economia é uma atividade que os humanos inventaram e que depende de nós. Se os humanos estão em risco, qualquer atividade humana deixa de ter importância” (KRENAK, 2020, p. 86).

Dizer o óbvio na era da *fake news* é urgente! Ailton o faz com clarividência para romper com a alienação e, sobremaneira, colocar no devido lugar a dimensão de que “temos de parar de vender o amanhã”, pois “o futuro é aqui e agora pode não haver o ano que vem” (KRENAK, 2020, p. 88-89).

No último capítulo, intitulado - A vida não é útil, mostra exímias tessituras: Por que vivemos? Vale a pena adiar o fim de que mundo? Para tecer os caminhos, a autor parte do pressuposto básico de que desacelerar o uso de recursos naturais pode indicar a ideia de adir o fim deste mundo. Todavia, em alguns locais isso já aconteceu ou está acontecendo agora. Nesse sentido, salienta que o mito da sustentabilidade precisa ser debatido para não seguir encurralando o mundo.

A utilidade da vida, na acepção cunhada por Ailton, remete a coragem de “ser radicalmente vivos, e não ficar barganhando a sobrevivência. Se continuarmos comendo o planeta, vamos continuar todos sobreviver por só mais um dia” (KRENAK, 2020, p. 109).

A lição dos povos originários presentes neste mundo excludente ocorreu e ainda ocorre, pois seguem escampando e resistindo de inúmeras formas “para não

serem completamente engolfados por esse mundo utilitário” (KRENAK, 2020, p. 112).

Reitera-se que o livro de Ailton Krenak é uma lição que extrapola as fronteiras, e, por isso, suscita fecundas discussões acadêmicas a partir de diferentes campos da Ciência, sobremaneira, no bojo das Ciências Humanas, Sociais, Ambientais, Economia Política, entre outras. Além do mais, tem-se a eloquência com os movimentos sociais ligados às temáticas ambientais, indígenas e direitos humanos por meio de uma construção dialógica, militante e científica para rescrever histórias que contribuam com o adiamento do fim do mundo, assim como possam comprovar outros caminhos para a vida e a humanidade: “Um outro lugar que a gente pode habitar dessa terra dura: o lugar do sonho” (KRENAK, 2019, p. 65).

O legado de Ailton Krenak segue atual, pois “ninguém come dinheiro”. Nesse sentido, não aceita a noção de civilização, ou mesmo de “civilizar-se” como um destino. Isto posto, temos uma crítica aos “consumidores do planeta” e sua visão estreita e excludente do que é a Humanidade e a Natureza.

Referências

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

KRENAK, Ailton. Tradição Indígena e Ocupação Sustentável da Floresta. **Terra Livre**, n. 6, ago. 1989.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SANTOS, Milton. Da política dos Estados à política das empresas. **Cad. Esc. Legisl.** Belo Horizonte, 3(6); 3-191, jul./dez. 1997. Disponível em: <<https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/983>>. Acesso em: 1º out. 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização:** Do pensamento único à

consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Recebido em 2021-01-25

Publicado em 2021-05-01



* **GUSTAVO HENRIQUE CEPOLINI FERREIRA** é Geógrafo pela PUC-Campinas. Mestre e Doutor em Geografia Humana-USP. Pesquisador do Laboratório de Geografia Agrária - FFLCH-DG/USP. Professor do Departamento de Geociências e PPGeo - UNIMONTES.

¹ Denominado pelos Krenak como Watu, “nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico [...]” (KRENAK, 2019, p. 40).

² kre – cabeça e nak – terra, ou seja, Krenak “é a herança que recebemos, dos nossos antepassados, das suas memórias de origem, que nos identifica como “cabeça da terra”, como uma humanidade que não consegue se conceber sem a conexão, sem essa profunda comunhão com a terra” (KRENAK, 2019, p. 48).

³ Em 2020, recebeu o Prêmio Juca Pato concedido pela União Brasileira de Escritores (UBE) como maior intelectual do ano. Mais informações disponíveis em: <https://www.ube.org.br/materias.php?cd_materias=85&codant=60&hl=ailton+krenak&cd_secao=58&busca=1#85>. Acesso em: 14 out. 2020.

⁴ Já vendeu mais de 50 mil cópias no Brasil e está sendo traduzido para o inglês, francês, espanhol, italiano e alemão. Informação disponível em:

<<https://jornalistaslivres.org/ailton-krenak-a-vida-nao-e-util/>>. Acesso em: 14 out. 2020.

⁵ Ressalta-se que o autor não utiliza essa nomenclatura e/ou divisão no decorrer dos textos.

⁶ Os textos que compõem o livro são oriundos de palestras, entrevistas, *lives* e debates realizados por Ailton Krenak entre 2017 e 2020 foram e organizadas por Rita Carelli.

⁷ Ailton Krenak (2020, p. 20-21) menciona a contribuição de Milton Santos no bojo dos debates sobre a globalização e suas “[...] implicações na vida cotidiana, na cultura, na organização do mundo do trabalho e, inclusive, na ideia de riqueza e pobreza e colocava em questão o próprio paradigma do capitalismo: sabia que um outro mundo não poderia ser a repetição deste”. Ailton não menciona nas referências o livro de Milton Santos (1926-2001). Todavia, cabe salientar que tais discussões estão presentes na última obra do geógrafo, qual seja: *Por Uma Outra Globalização: Do pensamento único à consciência universal*, publicada em 2000, bem como no documentário “*Encontro com Milton Santos: O mundo global visto do lado de cá*” dirigido por Silvio Tendler em 2006.

⁸ No estado do Mato Grosso.

⁹ Em 1989, Ailton Krenak – Coordenador Nacional da União das Nações Indígenas – já indicava: “Estamos hoje a apenas 20 anos da saga amazônica que, a pretexto de levar o desenvolvimento aos mais distantes rincões da nossa pátria, dilacerou uma das mais belas regiões do planeta: Rondônia – aquela região arde aos olhos do mundo” (KRENAK, 1990, p. 9).

¹⁰ “Ainda existem aproximadamente 250 etnias que querem ser diferentes umas das outras no Brasil que falam mais de 150 línguas e dialetos” (KRENAK, 2019, p. 31).

¹¹ Conceito proposto pelo pesquisador camaronense Achille Mbembe ao indicar o uso do poder social e político para ditar como algumas pessoas podem viver e como outras devem morrer, entre outros desdobramentos. Para maiores debates sugere-se: Mbembe (2018).